



Rainha
TEATRO DA RAINHA

16 Fevereiro a
11 Março 2017

21h30
Sala Estúdio do
Teatro da Rainha

a partir dos textos de **Bertolt Brecht**

Dansen // Quanto custa o ferro? // Rascunhos de 1939 // Mies & Meck

EUROPA 39

Encenação
Luis Varela

Interpretação
Inês Barros
Carlos Borges
José Carlos Faria
Tiago Moreira

Cenografia e figurinos
José Carlos Faria
Design Sonoro e música
Carlos Alberto Augusto



Imagem de Patrícia Guimarães

Caracterização estroa M.118

Companhia financiada por
REPÚBLICA PORTUGUESA
Cultura

dgARTES INSTITUTO DA CULTURA
DIREÇÃO REGIONAL DO ALGARVE

CALDAS DA RAINHA

www.teatro-da-rainha.com
comunicacao@teatro-da-rainha.com

262 823 302
966 186 871

1936: Brecht sobre Hitler (o pintor de tabuletas) e o rearmamento da Alemanha

O PINTOR DE TABULETAS DIZ:

Quantos mais canhões se fundirem

Mais tempo haverá de paz

Sendo assim, dir-se-ia:

Quanto mais grão se deitar à terra

Menos trigo crescerá

Quanto mais vitelas se abaterem

Menos carne haverá.

Quanta mais neve derreter nos montes

Mais baixos os rios serão

(in BRECHT, Bertolt, *Poemas*, Porto, Asa, 2007, trad. de Paulo Quintela, p. 438)

Fevereiro de 1938: Brecht a propósito da Guerra Civil de Espanha e *As Espingardas da Senhora*

Carrar

Arte ou política?

Compreendo a pergunta. Está a ver-me aqui sentado, a olhar pela janela para o Sund que não tem nada de bélico. O que é que me impele então a ocupar-me da luta do povo espanhol contra os seus generais? Mas pergunte-se por que razão estou aqui. Como poderia eu eliminar dos meus escritos algo que influenciou tanto a minha vida e também os meus escritos? Porque, na verdade, se estou aqui é como proscrito, e desde logo fui privado dos meus leitores e dos meus espectadores, em cuja língua escrevo; e não se trata só de homens que municiei com obras literárias; são homens pelos quais me interessa do mais fundo de mim. Só consigo escrever para homens que me interessam; isso é válido para as obras literárias como para a correspondência. Ora, esses homens passam agora por sofrimentos inomináveis. Como é que eu poderia fazer abstracção disso nos meus escritos? Mal lanço o olhar para lá do lugar onde termina o estreito do Sund, só vejo homens passando por esses sofrimentos. Ora, se a humanidade for destruída, a arte deixa de existir. Como é que a arte pode tocar os homens se não se deixar tocar ela mesma pelos seus destinos? A arte não é só juntar palavras que soam bem. Se construir uma carapaça contra os sofrimentos dos homens, como posso esperar que as minhas obras toquem os seus corações? E se não me esforçar por encontrar uma saída para os seus sofrimentos, como podem eles encontrar um caminho que os leve até aos meus livros? A pequena peça em questão trata da luta de uma mulher de pescador andaluza contra os generais franquistas. Tento mostrar como é difícil para ela resolver-se por essa luta. Como ela só recorre às armas quando

está completamente desamparada. É um apelo aos oprimidos para que se levantem contra os seus opressores em nome da humanidade. Porque, nos tempos que correm, a humanidade tem de se fazer guerreira se não quiser ser exterminada. Ao mesmo tempo, é uma carta dirigida à mulher do pescador para lhe assegurar que nem todos os que falam a língua alemã são a favor dos generais e do envio de bombas e de tanques para o seu país. E essa carta, escrevo-a em nome dum grande número de alemães, no interior como no exterior das fronteiras alemãs, e até, estou certo, em nome do maior número.

Palavras de um optimista:

Não há notícias dos Balcãs. Hoje, dia tantos do tal de 2017, a Europa está em paz.

Palavras de um pessimista:

Minhas senhoras e meus senhores,

As três pequenas peças que hoje vos mostramos foram escritas por Bertolt Brecht em 1939, durante o seu exílio escandinavo. Conhecem a história: em 1933, no dia a seguir ao incêndio do Reichstag, Brecht, autor de peças alemão proscrito pelos nazis, e a sua mulher, a atriz de origem judaica Helene Weigel, têm de fugir da Alemanha, como tantos outros intelectuais e artistas, e procurar asilo em lugares mais seguros. Iniciam uma fuga que os levará até aos Estados Unidos da América, em 1941. Primeiras etapas: Praga, Viena, depois a Suíça. Passagem por Paris e fixação na Dinamarca. Daí, Brecht há-de deslocar-se várias vezes a Paris, Londres, Moscovo...

É do seu refúgio dinamarquês que Brecht assiste aos preparativos da guerra na Europa por parte de Hitler: os testes dos novos aviões de combate Messerschmitt Bf 109 na Guerra Civil de Espanha entre 36 e 39, o Anschluß em março de 1938, o acordo de Munique em Setembro desse ano, a invasão dos territórios checoslovacos dos Sudetas em 1939...

Ao deixar a Dinamarca em 1939 rumo à Suécia, Brecht não tem muito para oferecer aos seus amigos dinamarqueses em agradecimento pela sua hospitalidade durante cinco anos. Já na Suécia, escreve para a sua amiga Ruth Berlau e para um grupo de amadores operários de Copenhaga uma pequena peça de teatro alertando para o perigo que vinha da Alemanha e para os riscos da neutralidade: *Dansen*, chamava-se a peça. Logo a seguir, escreve, também para amadores, agora suecos, e com o mesmo intuito, *Quanto custa o ferro?*

Depois, a História vai precipitar-se e, poucos dias depois da estreia em Estocolmo de *Quanto custa o ferro?*, precisamente na noite de 1 para 2 de Setembro de 1939, as tropas de Hitler invadem a Polónia.

A 3 de Setembro, a Inglaterra e a França, declaram guerra à Alemanha. Começa a Segunda Guerra Mundial. O conflito vai durar seis longos anos. Seis anos de Europa (e Ásia e África) a ferro e fogo. Logo nos primeiros meses de guerra, a Alemanha de Hitler invade a parte ocidental da Polónia, a Dinamarca e a Noruega, depois a França, a Bélgica, a Holanda, o Luxemburgo. Na Europa, a Itália, sua aliada, ajuda nas manobras de invasão e ocupação dos balcãs. A guerra ainda levará as tropas alemãs às portas de Moscovo e de Estalinegrado.

Durante o conflito, a Suécia, a Suíça, Espanha e Portugal, mantiveram um estatuto de neutralidade, o que não os impediu de darem um apoio mal disfarçado a Hitler e de fazerem bom negócio à conta da guerra: Portugal de Salazar não regateou a Hitler o fornecimento de volfrâmio, vital para temperar o ferro dos canhões, a Suécia vendeu-lhes o ferro. A Dinamarca e a Noruega ocupadas contribuíram para o esforço militar alemão com muitos milhões de deutschmark, para além de matérias primas.

A guerra foi dada por terminada em 1945 com a capitulação de Berlim e as duas bombas atómicas de Hiroxima e Nagasaki, mais milhares de mortos, menos milhares de mortos.

Com a paz, foi criada a OECE em 1948 (depois OCDE) e a CECA em 1951. Ficaram todos de acordo: não ia haver mais guerras... Depois foi a CEE, foi a União Europeia, e aí está a paz como deve ser: as grandes decisões sobre o futuro em paz da Europa são tomadas em Berlim e assim é que está bem. Ou não estará?

[Luís Varela]

Dezembro de 1952: Brecht sobre o risco de novas guerras

Ao Congresso dos povos pela paz

[Viena, 1952]

Nos humanos, a memória dos sofrimentos passados é espantosamente curta. A sua capacidade de imaginar sofrimentos futuros é ainda mais fraca. O nova-iorquino leu numerosas descrições dos horrores causados pela bomba atómica sem grande pavor aparente. O habitante de Hamburgo ainda está cercado de ruínas e no entanto hesita em levantar a mão contra um novo perigo de guerra. O pavor mundial dos anos quarenta parece esquecido. Muitos dizem: as chuvas de ontem não me molham.

É esta apatia, cujo grau supremo é a morte, que temos de combater. São demasiado numerosos os que hoje nos parecem mortos, como seres que já tivessem para trás de si o que têm pela frente, porque não fazem nada contra.

Mesmo assim, nada me poderá convencer de que é vão defender a razão contra os seus inimigos. Repitamos sempre aquilo que já foi dito mil vezes, para não haver o risco de o termos dito uma vez de menos! Renovemos os nossos alertas, mesmo se eles nos deixam na boca um gosto a cinzas! Porque a humanidade está sob a ameaça de guerras ao lado das quais as precedentes parecerão frustres tentativas, e essas guerras rebentarão de certeza se não quebrarmos as asas dos que estão a prepará-las à vista de todos.



Há um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter este aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Este vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos o progresso é esse vendaval.

BENJAMIN, Walter, «Sobre o conceito da história», in *O Anjo da História*, trad. João Barrento, Lisboa, Assírio e Alvim, 2008, pp. 13-14.

Brecht e Luís Varela no TR

Brecht é a descoberta de um teatro crítico e, por assim dizer, o próprio teatro, quando em 75 — sim, do século passado! — começamos a profissão em Évora, o Luís e eu. Mesmo os clássicos eram lidos através do texto que escrevera sobre não nos sentirmos “intimidados” por eles e passarmos a olhá-los como material, segundo a lição não da actualização mas da historicização — não chega uma maquilhagem dos aspectos para que a actualidade surja, é necessária a historicização, o “estranhamento” — o famoso “efeito de estranheza”: uma técnica da cena em cena, uma ética e um modo de análise. É isso o “efeito V” (Verfremdungseffekt): revelar, pôr à vista, mostrar de modo demonstrado como um conjunto de forças encadeado numa lógica causal explica um dado fenómeno — por exemplo, a ascensão do nazismo. A célebre frase sobre “as coisas que estão por detrás das coisas” fala-nos do que invisível determina os acontecimentos no que têm de visível — o que esse visível não explica.

Brecht antecipa Debord na crítica da Sociedade do Espectáculo, o seu teatro é contra o espectáculo já que deseja uma cena sem sensacionalismo e crítica dos processos narrativos que levam à cegueira emotiva.

Agora esta Europa 39 para levar a falar da Europa 2017, 100 anos depois da revolução russa, portanto. Onde isso vai, olhando a criatura Putin. Mas a questão que nos tem é: e a extrema direita europeia? Le Pen, Wilders, a AFD alemã, as derivas extremistas a leste, na Hungria, os novos muros, a Áustria, a direitização extremada da Europa, Trump e os latinos? Tudo isto nos preocupa porque sabemos, entre outras coisas, que, logo que chegam ao poder proíbem o teatro, a sua respiração crítica é amordaçada — o que nos faz ainda mais amar esse desentendimento com o que faz unanimidades, homogeneidades. Isso não é teatro, é política, dirão os puristas de um suposto sensível, não entendendo que o sensível também é crítico, que é pela pele que começamos a respirar. Mas o teatro é um outro da política, faz emergir pensamento pelos seus meios, pela escrita específica que o jogo dos corpos — elemento atómico, nuclear, das práticas do sentido em cena — vai sugerindo provocando intuições e novos pensamentos nos espectadores, descobertas — o não pensado em construção de se pensar.

Não necessito explicar o convite ao Luís Varela para trabalhar connosco, é um de nós, temos do teatro uma ideia comum fazendo teatros diferentes. O Luís tem uma história com Brecht em Portugal, é um dos encenadores portugueses que com este autor mais flirtou, chamar-lhe-ei mesmo longo namoro. E aqui está ele a reincidir, por gosto, por osmose electiva de humor, por preocupação político-sensível. E nós com ele.

Estas pequenas peças são no entanto uma novidade. Vêm de um quadro de agit-prop, construídas para um uso imediato e logo compreensível, para um desígnio de agitação e propaganda — diríamos contra-propaganda à propaganda nazi. É uma palavra que hoje soa mal, propaganda, os modos da ideologia são hoje outros e de insinuação publicitária, sub-liminar dizem, pelas vias do hiper-consumo e do hiper-controlo bio-político. As peças são, por assim dizer, elementares no modo como querem antecipar, narrando, a ascensão do nazismo e como a “besta” procede para que essa tomada do poder aconteça, como se dissimula “simpática” e como é brutal. E também como as potências neutras foram cúmplices dessa ascensão, por omissão de participar numa acção comum “europeia” contra.

Num momento em que, como diz Pacheco Pereira, a “ascensão de uma nova ignorância” está aí, é fundamental voltar a contar as lições de um saber político pouco na moda, pois será mais verdadeiro e clarificador do que estamos vivendo através da lição que encerra que outros modos de ler que sejam o presente a falar do presente de um modo “presentista”, sem recuo — como pôde acontecer a segunda guerra, o que levou a ela e porque aconteceu a nazificação de uma larga fatia europeia? É importante hoje? É. Não é por acaso que Mein Kampf é um best seller na Alemanha e, pelas virtudes de muito engraçadismo designer, esteja, por assim dizer, de novo a contaminar o nosso espaço de respiração democrático nesta muito estranha (des)Europa.

Fernando Mora Ramos



Desenhos para cartaz: Patrícia Guimarães



Fotografias de ensaio: Margarida Araújo

EUROPA 39, a partir dos textos *Dansen, Quanto custa o ferro?, Rascunhos de 1939 e Mies & Meck*
de Bertholt Brecht

Sala Estúdio do Teatro da Rainha | 16 de Fevereiro a 11 de Março
Quarta a Sábado | 21h30

Sessões para escolas durante a semana mediante marcação
Classificação etária: M/12

Ficha Artística:

Tradução e encenação | Luís Varela

Cenografia e figurinos | José Carlos Faria

Design Sonoro e Música | Carlos Alberto Augusto

Iluminação | Luís Varela com António Anunciação

Interpretação | Inês Barros, Carlos Borges, José Carlos Faria e Tiago Moreira

Informações: Teatro da Rainha 262 823 302 | 966 186 871

comunicacao@teatro-da-rainha.com | www.teatro-da-rainha.com